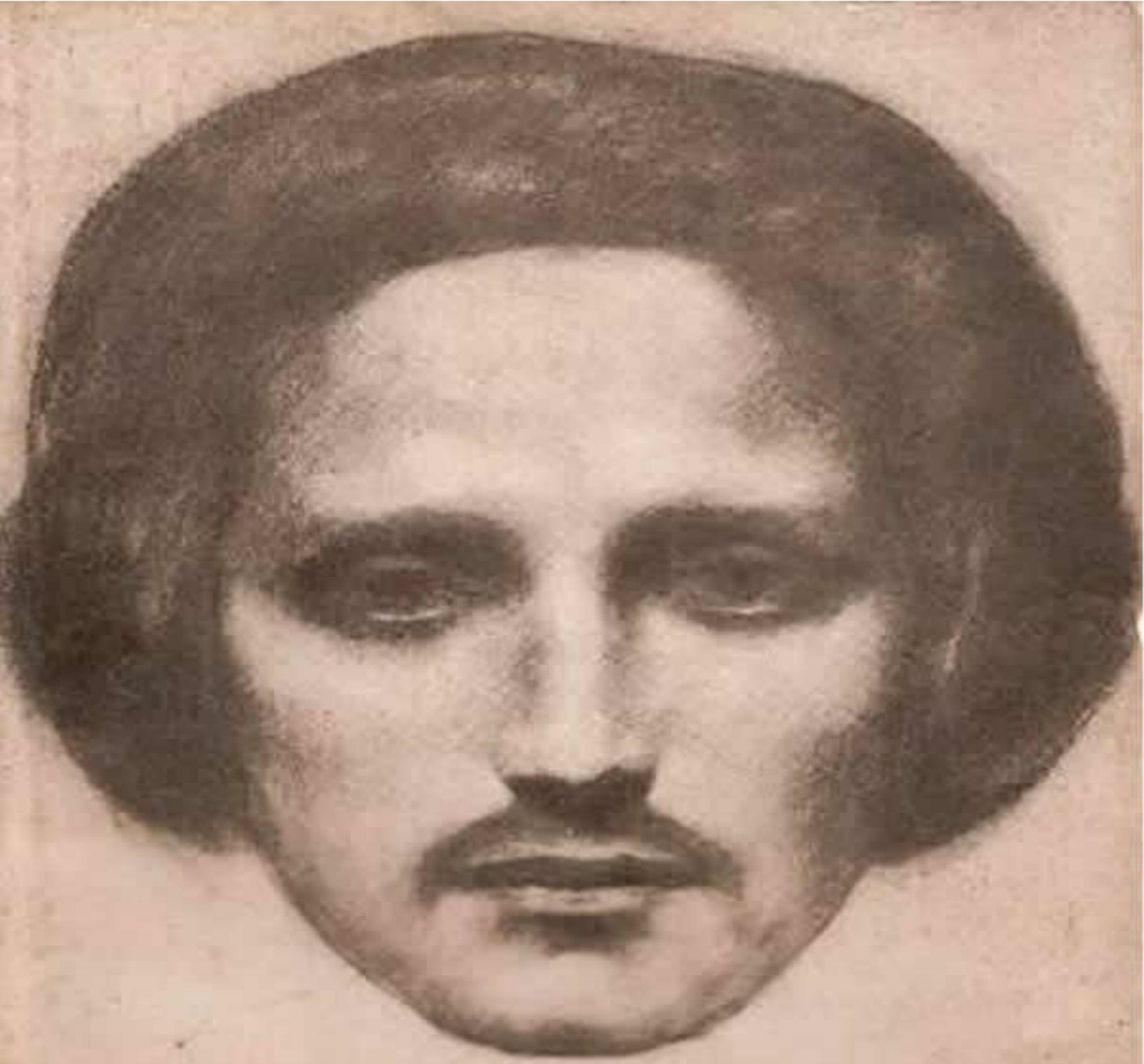
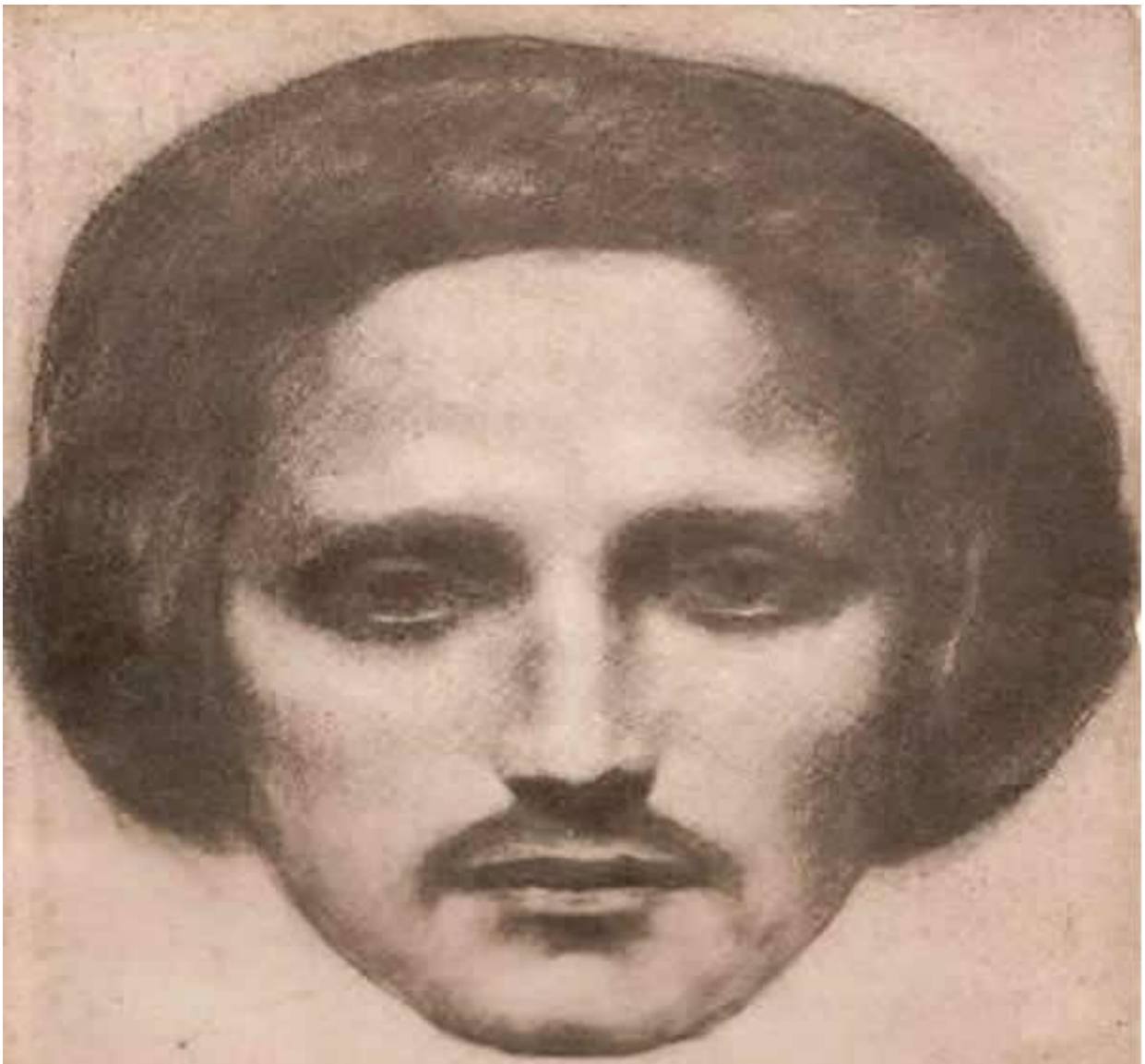


O PROFETA

GIBRAN KHALIL GIBRAN

Tradução e Apresentação de MANSOUR CHALLITA



O PROFETA

GIBRAN KHALIL GIBRAN

Tradução e Apresentação de MANSOUR CHALLITA

O profeta é uma maravilhosa viagem espiritual através de um dos grandes clássicos do século XX. Foi escrito eminglês e traduzido em 40 idiomas. É um conjunto de meditações sobre temas universais como o amor, a morte, afamília e a esperança. G ibran Khalil G ibran nasceu em 6 de dezembro de 1883, no Líbano. Aos onze anos

emigrou para a América com a família. Por muitos anos ganhou a vida como pintor. Em 1923, foi publicada sua obra-prima, O profeta. Foi um sucesso imediato, e as vendas nunca caíram . Khalil morreu em 1931 de insuficiência hepática e tuberculosa incipiente, mas o autor nunca perdeu a paixão pelo Líbano, onde foi enterrado e onde é considerado uma lenda.

Khalil G ibran

O Profeta

ePub r1.0

Esp 16.07.15

Título original: *The Prophet* Gibran Khalil Gibran, 1923 Tradução: Maunsor ChallitaePub base r1.2

APRESENTAÇÃO

MAN SO U R C HALLITA

UM LIVRO QUE INSPIRA E RECONFORTA NUMA ÉPOCA DE PERPLEXIDADE

Poucos livros têm alcançado o sucesso de *O Profeta*.

Em 1923, ano de seu lançamento em Nova Iorque, venderam-se dele apenas 1.100 exemplares. E o editor, Alfred A. Knopf, considerou esgotadas as possibilidades de um livro estranhamente místico no ambiente pragmático e mecanizado dos Estados Unidos.

Mas, para surpresa sua, as vendas começaram a aumentar. Alcançaram 8.500 exemplares em 1926; 12.000 em 1936; 13.000 em 1937; 60.000 em 1944. Em 1957, já haviam sido vendidos um milhão de exemplares; em 1965, dois milhões; em 1972, quatro milhões. E o gráfico continuava a subir.

Atualmente, dele se vendem, somente nos Estados Unidos, meio milhão de exemplares por ano, ou quase 2.000

exemplarespor dia. No Brasil, é um Best-seller permanente, como a Bíblia, tendo edições sucessivas de 50 a 100.000 exemplares. Quemo descobre sente alegria em revelá-lo aos amigos. Milhares de celebridades no mundo todo, como a ex-rainha da Grécia e amulher de Gerald Ford, adotaram-no como livro de cabeceira.

Pregadores citam-no no púlpito. Médicos aconselham-no a seus doentes.

VOLTA AO HOMEM E À NATUREZA

Como explicar tal fenômeno?

Num artigo desorientador, a revista norte-americana Time atribuiu certa vez, seriamente, a popularidade de O Profeta acertas expressões de amor nele contidas e que facilitariam aos rapazes conquistarem as moças! Qualquer leitor do livro sabeque o êxito de O Profeta repousa em bases muito mais sólidas. A primeira prende-se aos próprios temas nele tratados e àmoldura na qual são tratados.

Os temas são os temas básicos da vida humana: o amor, o casamento, a liberdade, a religião, o comer e o beber, aamizade, os filhos, o trabalho, a morte e outros assuntos análogos. A moldura é o vasto e livre espaço da natureza.

As parábolas de Al-Mustafa fazem surgir diante de nós os campos, as flores, a abelha, o córrego, o trovão e também olenhador, o semeador, o pastor e os trabalhos primitivos pelos quais o homem tirava sua substância da natureza sem aintervenção da máquina.

E esse retorno simultâneo à natureza e aos temas mais singelos da existência seduziu o leitor moderno, prisioneiro de milartifícios e cheio de nostalgia por outros tempos e uma outra vida.

Em Jesus, o Filho do Homem, Gibran, falando dos sermões de Jesus, diz:

"Ele contava uma história ou narrava uma parábola, e coisa igual às Suas histórias e parábolas nunca tinha sido ouvida na Síria. Parecia tecê-las com as estações, como o tempo tece os anos e as gerações." Começava uma história assim: "Umlavrador foi ao campo para semear." Ou assim: "Havia, certa vez, um homem rico, que possuía muitos vinhedos." Ou assim: "Um pastor contou seu rebanho ao entardecer, e descobriu que faltava uma ovelha." E tais palavras levavam Seus ouvintes aomais fundo de si mesmos e ao mais remoto dos seus dias.

No fundo, somos todos lavradores, e todos amamos os vinhedos. E na pastagem de nossa memória, há um pastor, e umrebanho, e a ovelha perdida. E há a relha do arado, e o lagar, e o pátio de debulhar." Não se pode analisar melhor a arte que opróprio Gibran aplicou em *O Profeta*. Ele também leva o leitor ao mais cândido de si mesmo e ao mais remoto dos seus dias. E ele também parece tecer suas parábolas com os fios do tempo e das estações. Eis o primeiro segredo do sucesso mundial de O Profeta.

UM PENSAMENTO REVESTIDO DE BELEZA

O segundo segredo está no encontro da originalidade e beleza do pensamento com a originalidade e beleza do estilo.

Gibran descobre, mesmo nesses assuntos eternos, aparentemente esgotados, aspectos novos e sugestivos e descreve-os

num estilo quase único nas literaturas contemporâneas. Que alia à sedução dos livros religiosos do Oriente, como a

Bíblia, o Evangelho e o Alcorão, a clareza e a concisão do Ocidente.

A beleza das ideias sobre os filhos, a dádiva, a religião, o prazer, o amor, o trabalho, a liberdade, a morte só é igualada pela beleza das imagens e das parábolas com as quais são revestidas.

"Vossos filhos não são vossos filhos.

São os filhos e as filhas da ânsia da vida por si mesma.

Vêm através de vós, mas não de vós, E embora vivam convosco, não vos pertencem."

"Vós pouco dais quando dais de vossas posses.

E quando dais de vós próprios que realmente dais."

"Quando trabalhais, sois uma flauta através da qual o murmúrio das horas se transforma em melodia.

Quem de vós aceitaria ser um caniço mudo e surdo, quando tudo o mais canta em uníssono?"

"...Pois tem sido sempre assim com o amor: ele só conhece sua profundidade na hora da separação."

"Hoje, não podeis ver nem ouvir, e é melhor assim. Mas, um dia, o véu que cobre vossos olhos será retirado

pelas mãos que o teceram. E a argila que obstrui vossos ouvidos será rompida pelos dedos que a amassaram.

Então vereis,

Então ouvireis,

E não deplorareis ter conhecido a cegueira e a surdez,

Pois, naquele dia, compreendereis a finalidade oculta de todas as coisas,

E abençoareis as trevas, como abençoais a luz. "

Mesmo quando a ideia está gasta, Gibran sabe renová-la pelo esplendor da forma:

"Ide, pois, aos vossos campos e pomares, e lá aprendereis que o prazer da abelha é sugar o mel da flor, Mas

que o prazer da flor é entregar o mel à abelha.

Pois, para a abelha, uma flor é uma fonte de vida.

E para a flor, uma abelha é uma mensageira de amor.

E para ambas, a abelha e a flor, dar e receber o prazer é uma necessidade e um êxtase."

Num dos cadernos em que Gibran reescrevia do próprio punho as versões sucessivas de O Profeta, encontra-se, desenhadaem caracteres árabes, a seguinte invocação:

"Ajuda-me, ó Deus, a exprimir neste livro Tua Verdade envolta em Tua Beleza!"

É mais uma definição feliz de O Profeta e uma das razões de sua popularidade.

NÃO A METAFÍSICA, MAS A TERNURA

Além de atrair pelo pensamento e pelo estilo, O Profeta seduz pela filosofia da vida nele contida. Gibran não era umfilósofo no sentido transcendental da palavra. Não trouxe uma nova doutrina, uma nova interpretação do universo.

Era um filósofo no sentido humano da palavra, um pensador, um guia. E trouxe o que talvez mais falte a este século XX,tão rico e tão pobre ao mesmo tempo: uma nova fé no homem, uma nova fé na vida. Redescobriu o papel do coração. Pregou aternura evangélica no meio das máquinas inexoráveis e da concordância impiedosa dos tempos modernos.

O Profeta não procura incutir em nós ideologias e metafísicas, mas despertar e desenvolver as reservas de bondadesoterradas sob as amarguras e a dureza da existência.

E não nos convida a renunciar às boas coisas da vida, mas a sermos dignos delas, e a viver ao nível do que há de maiselevado em nós.

"HÁ DENTRO DE MIM UM PODER IMPACIENTE POR SE REVELAR"

Essas qualidades bastavam para produzir uma grande obra literária e humana, mas não explicam essa irradiação intensaque emana de O Profeta e que, tanto quanto o valor da obra, provoca o entusiasmo dos leitores.

Essa irradiação provém da fé de Gibran em sua missão. Gibran não considerava O Profeta como um simples livro, mascomo sua mensagem, como a razão pela qual fora enviado a este mundo, como a palavra em torno da qual toda a sua vida seconcentrava. Desde a juventude, Gibran tinha consciência de possuir um poder excepcional que procurava sua expressão.

Em cartas a amigos, encontram-se repetidamente declarações como estas:

"Sinto que há nas profundezas de meu coração uma grande força que quer manifestar-se mas é ainda incapaz de fazê-lo.

Meus sentimentos são como as marés de um oceano. Minha alma é como uma águia de asas partidas.

Sofre dolorosamente quando vê os pássaros voar no espaço, por que não pode ainda imitá-los." Aos 15 anos, tenta darforma a essa força impaciente por manifestar-se e delineia uma primeira versão, em árabe, de O Profeta. De

regresso a Boston, lê para sua mãe trechos do livro que "iria transformar o mundo".A mãe acalma a exaltação do filho: "É um bom trabalho, Gibran, mas seu tempo ainda não chegou. Deixa-o amadurecer” Gibran aceita o conselho, que corresponde, aliás, à sua própria convicção. Mas O Profeta não o abandonará nunca mais. Escreve e publica outros livros, mas deixa O Profeta amadurecerem sua alma.

Em 1910, começa a redigi-lo em inglês. E enquanto suas obras árabes já o cobriam de glória, escreve a seu editor Emile Sedan:

"Os vinte anos que vivi como escritor e como pintor foram simplesmente uma época de preparação e de desejo. Ainda não produzi nada que mereça ficar à face do sol”. E continua a polir O Profeta. Reescreve-o cinco vezes em inglês antes de remetê-lo ao editor, em 1923. Durante essa gestação de 25 anos, a mensagem se forma no fundo de seu coração como uma pérola se forma no fundo do mar.

E quando a pérola é enfim expelida, ele suspira de alivio: "Enfim, pronunciei-a, a palavra que carrego desde que nasci e que vim a este mundo para pronunciar", declara, jubiloso, a um amigo. Mais tarde, lamentará ter escrito tanto. Confia a May Ziada, sua amiga espiritual:

Por que escrevi e publiquei tantos livros? Eu nasci para viver e escrever um único livro, um pequeno livro. Nasci para viver e sofrer e pronunciar uma única palavra, vivida e alada." E o mais impressionante é que essa palavra não era considerada por Gibran como uma mensagem simplesmente teórica, simplesmente intelectual: lhe submetia sua maneira de viver e de ser. Há um incidente particularmente significativo: uma vez, Gibran comprou uma casa, em Boston, e a reformou para servir a uma associação feminina. A associação fracassou, deixando a casa imprópria para qualquer locação. Para recuperar o dinheiro investido, Gibran devia acionar a associação em juízo. Mas uma das

diretoras vai vê-lo e sacode O Profeta diante dele, dizendo: "Foi o senhor quem escreveu este livro, não foi? Que pretende fazer dele agora?" Apesar da insistência dos amigos, ele desistiu do processo. "Se o tivesse continuado, explicava, não poderia abrir outra vez o pequeno livro." Independentemente de tais incidentes, Gibran viveu na atmosfera de seu livro, à sombra de suas alturas. Nunca se casou. Nunca se interessou por negócios. Dedicou toda a sua vida a escrever e pintar. Sua residência foi sempre a mais simples, a mais modesta, tanto em Paris como em Boston e Nova Iorque; e seu modo de viver não se alterou quando a venda de seus livros e quadros o tornou milionário.

E essa fé em si mesmo e em sua missão, essa transposição da pregação para a própria vida do pregador confere a obra de particularmente atraídos para os que creem no que pregam e submetem seus atos ao seu ideal É por todos esses motivos que OGibran a sedução mística que dotava de força extraordinária, por exemplo, as palavras de Gandhi. Os homens são Profeta desperta tanto interesse.

Lendo-o, o leitor sente-se transportado nas asas da poesia a um mundo encantado, e entretanto real, onde sabe que não poderá viver, mas aonde gosta de retornar de tempos em tempos, como gostamos de visitar as montanhas para nos refrescar e revigorar, embora saibamos que não poderemos permanecer nessas alturas.

Numa invocação do tempo da juventude, em que definia sua missão e predizia seu futuro, Gibran afirmava:

"Vim para viver na glória do amor e na Luz da beleza...

Vim para exprimir o que adormece no coração de cada um de .... O que hoje sinto na minha solidão, o futuro o exibirá para todos. E o que digo numa só voz, o futuro o repetirá em cem vozes.

A profecia realizou-se textualmente para O Profeta. À parte os milhões de exemplares da edição inglesa, a voz é repetida

em muitas línguas e em muitos países, desde a Noruega até a China.

Espera o autor da presente tradução ter conservado, nesta nova forma, a centelha sagrada que é o fundamento dapopularidade de O Profeta através do mundo. Pois, como disse Barbara Young, "a tradução de Gibran nunca será meratradução, mas apaixonada recriação".

E no ano décimo segundo, ao sétimo dia de Ailul, o mês da colheita, galgou o monte fora da cidade e olhou para o mar; edeparou com seu navio chegando com a névoa.

Então, as portas de seu coração abriram-se, e sua alegria voou longe sobre o mar. E, fechando os olhos, orou no silênciode sua alma.

Mas ao descer o monte, foi invadido pela tristeza, e pensou no seu coração: Como poderei ir-me em paz e sem pena? Não,não será sem um ferimento na alma que deixarei esta cidade.

Longos foram os dias de amargura que passei dentro de suas muralhas, e longas as noites de solidão; e quem podedespedir-se sem tristeza de sua amargura e de sua solidão?

Muitos foram os pedaços de minha alma que espalhei nestas ruas, e muitos são os filhos de minha ansiedade quecaminham, desnudos, entre estas colinas, e não posso abandoná-los sem me sentir oprimido e entristecido.

Não é uma simples vestimenta que dispo hoje, mas a própria epiderme que arranco com minhas mãos.

Nem é um mero pensamento que deixo atrás de mim, mas um coração enternecido pela fome e a sede.

Contudo, não posso demorar-me por mais tempo.

O mar que chama a si todas as coisas está me chamando, e devo embarcar.

Pois permanecer aqui, enquanto as horas queimam-se na noite, seria congelar-me e cristalizar-me num molde.

De bom grado levaria comigo tudo o que está aqui. Mas, como poderei fazê-lo?

A voz não leva consigo a língua e os lábios que lhe deram asas.É isolada que deve procurar o éter.

É também só e sem ninho que a águia voará rumo ao sol."

E quando atingiu o pé da colina, virou-se novamente para o mar e viu seu navio aportar e, no convés, agruparem-se osmarinheiros, os homens de sua terra natal.

E sua alma gritou-lhes e lhes disse:

"Filhos de minha velha mãe, que correis na crista das vagas impetuosas, Quantas vezes navegastes nos meus sonhos. Eagora chegais ao meu despertar, que é meu sonho mais profundo.

Disposto me encontrais a partir, e minha impaciência, de velas desfraldadas, está à espera do vento.

Tomarei apenas mais um hausto de ar, neste ambiente sereno, volverei para trás somente mais um olhar afetuoso.

E, logo após, juntar-me-ei a vós, marujo entre marujos.

E tu, vasto mar, mãe sempre acordada.

Que, sozinho, és paz e liberdade para o rio e o regato.

Uma só volta fará ainda esta corrente, um só murmúrio sussurrará ainda nesta clareira. E depois virei a ti, gota

ilimitada aum oceano ilimitado."

E enquanto caminhava, viu homens e mulheres abandonarem suas hortas e vinhedos e apressarem-se rumo às portas da

cidade.

E ouviu suas vozes chamarem seu nome, e anunciarem de campo a campo, um para o outro, a chegada de seu navio.

E disse consigo mesmo:

"Será, acaso, o dia da separação o dia do encontro?

E será dito que meu anoitecer era, na verdade, minha aurora?

E o que oferecerei àquele que deixou seu arado no meio do rego, e àquele que imobilizou a roda de seu lagar?

Converter-se-á meu coração numa árvore de abundantes frutos que colherei e lhes distribuirei?

E correrão meus desejos como um manancial onde lhes encherei os copos?

Sou, acaso, uma harpa para que em mim toque a mão do Onipotente, ou uma flauta para que Seu sopro me atravesse?

Um ser em procura de silêncios, eis o que sou, e que tesouros tenho descoberto nos meus silêncios que possa distribuircom segurança?

Se este é o dia de minha colheita, em que campos plantei a semente, e em que estações esquecidas?

Se esta é, na verdade, a hora de levantar minha lanterna, a flama que nela brilhará não será minha.

Vazia e apagada erguerei minha lâmpada.

E o guardião da noite a abastecerá de azeite e a acenderá também."

Essas coisas, ele expressou-as em palavras. Mas muitas coisas permaneceram inexpressas no seu coração.

Pois nem ele podia externar seu segredo mais profundo.

E quando entrou na cidade, o povo inteiro o recebeu, e todos estavam clamando seu nome em uma só voz.

E os anciãos da cidade aproximaram-se e disseram:

"Não nos deixes ainda.

Foste um meio-dia em nosso crepúsculo, e tua juventude deu-nos sonhos para sonhar. Tu não és um estranho ou um hóspede entre nós, mas nosso filho e nosso bem-amado. Não condenes ainda nosso olhar a sofrer a fome de tua face."

E os sacerdotes e as sacerdotisas disseram-lhe:

"Não consintas que as ondas do mar nos separem já, e os anos que entre nós passaste se tornem uma lembrança.

Andaste entre nós como um espírito, e tua imagem tem sido uma luz que iluminou nossas faces.

Muito te temos amado. Mas silencioso foi nosso amor e com véus tem estado coberto.

Porém, agora, ele grita e chama-te em alta voz e quer revelar-se a ti.

Pois assim tem sido sempre com o amor. Ele só conhece sua própria profundidade na hora da separação."

E outros vieram também e imploraram-lhe.

Mas ele não lhes respondeu. Abaixou apenas a cabeça; e os que o rodeavam viram suas lágrimas caírem sobre seu peito.

E caminhando com o povo, chegou à grande praça em frente ao templo.

E uma mulher chamada Almitra saiu do santuário.

E ela era vidente.

E ele a encarou com infinita ternura, pois fora ela a primeira a procurá-lo e nele crer no dia de sua chegada à cidade.

E ela o saudou, dizendo.

"Profeta de Deus em procura do infinito, quantas vezes sondaste as distâncias à espera de teu navio.

E agora teu navio chegou, e tu deves partir.

Profunda é tua nostalgia pela pátria de tuas recordações e a morada de teus maiores desejos; e nosso amor não te quereráprender, nem nossas necessidades te reterão.

Uma coisa, porém, pedimos-te: antes de no a deixares, fala-nos e dá-nos algo de tua verdade.

E nós a transmitiremos a nossos filhos, e eles a transmitirão aos seus filhos, e ela não perecerá.

Na tua soledade, vigiaste por nossos dias e, na tua vigília, escutaste os gemidos e os risos de nosso sono.

Agora revela-nos a nós próprios, e conta-nos o que te foi revelado, do que existe entre o nascimento e a morte."

E ele respondeu:

"Povo de Orphalese, de que poderia falar-vos senão do que está agora se movendo dentro de vossas almas?"

Então Almitra disse: "Fala-nos do Amor."E ele ergueu a fronte e olhou para a multidão; e um silêncio caiu sobre eles, e com uma voz forte, dirigiu-se a eles,dizendo:

"Quando o amor vos chamar, segui-o.

Embora seus caminhos sejam agrestes e escarpados; E quando ele vos envolver com suas asas, cedei-lhe, Embora a espada oculta na sua plumagem possa ferir-vos; E quando ele vos falar, acreditai nele, Embora sua voz possa despedaçar vossos sonhos como o vento devasta o jardim.

Pois, da mesma forma por que o amor vos coroa, assim ele vos crucifica. E da mesma forma por que ele contribui para vosso crescimento, ele trabalha para vossa poda.

E da mesma forma por que ele sobe à vossa altura e acaricia vossos ramos mais tenros que se embalam ao sol, Assim também ele desce até vossas raízes e as sacode no seu apego à terra.

Como feixes de trigo, ele vos aperta junto ao seu coração.

Ele vos debulha para expor a vossa nudez.

Ele vos peneira para libertar-vos das palhas.

Ele vos mói até a extrema brancura.

Ele vos amassa até que vos torneis maleáveis.

Então, ele vos leva ao fogo sagrado e vos transforma no pão místico do banquete divino.

Todas essas coisas, o amor operará em vós para que conheçais os segredos de vossos corações e, com esse conhecimento,vos convertais no pão místico do banquete divino.

Todavia, se no vosso temor procurardes somente a paz e o gozo do amor.

Então seria melhor para vós que cobrísseis vossa nudez e abandonásseis a eira do amor, para entrar no mundo semestações, onde rireis, mas não todos os vossos risos, e chorareis, mas não todas as vossas lágrimas.

O amor nada dá senão de si próprio e nada recebe senão de si próprio.

O amor não possui e não se deixa possuir.

Pois ele basta-se a si mesmo.

Quando um de vós ama, que não diga: "Deus está no meu coração", mas que diga antes: "Eu estou no coração de Deus."

E não imagineis que possais dirigir o curso do amor, pois o amor, se vos achar dignos, determinará ele próprio o vosso

curso.

O amor não tem outro desejo, senão o de atingir sua plenitude.

Se, contudo, amardes e precisardes ter desejos, sejam estes vossos desejos:

De vos diluirdes no amor e serdes como um riacho que canta sua melodia para a noite;

De conhecerdes a dor de sentir a ternura demasiada;

De ficardes feridos por vossa própria compreensão do amor;

E de sangrardes de boa vontade e com alegria;

De acordardes na aurora com o coração alado e agradecerdes por um novo dia de amor;

De descansardes ao meio-dia, e meditardes sobre o êxtase do amor;

De voltardes para casa à noite com gratidão;

E de adormecerdes com uma prece no coração para o bem-amado, e nos lábios uma canção de bem-aventurança."

ENTÃO, Almitra falou novamente e disse: "E que nos dizes do matrimônio, mestre?"E ele respondeu, dizendo:

"Vós nascestes juntos, e juntos permanecereis para todo o sempre.

Juntos estareis quando as brancas asas da morte dissiparem vossos dias.

Sim, juntos estareis até na memória silenciosa de Deus.

Mas que haja espaço na vossa junção

E que os ventos do céu dancem entre vós.

Amai-vos um ao outro, as não façais do amor um grilhão:

Que haja antes um mar ondulante entre as praias de vossas almas

Enchei a taça um do outro, mas não bebais na mesma taça.

Dai de vosso pão um ao outro, mas não comais do mesmo pedaço.

Cantai e dançai juntos, e sede alegres, mas deixai cada um de vós estar sozinho,

Assim como as cordas da lira são separadas e, no entanto, vibram na mesma harmonia.

Daí vossos corações, mas não os confieis à guarda um do outro.

Pois somente a mão da vida pode conter vossos corações.

E vivei juntos, mas não vos aconchegueis em demasia;

Pois as colunas do templo erguem-se separadamente.

E o carvalho e o cipreste não crescem à sombra um do outro.

E uma mulher que carregava seu filho nos braços disse: "Fala-nos dos Filhos."E ele disse:

"Vossos filhos não são vossos filhos.

São os filhos e as filhas da ânsia da Vida por si mesma.

Eles vêm através de vós mas não de vós,

E embora vivam convosco, não vos pertencem.

Podeis outorgar-lhes vosso amor, mas não vossos pensamentos,

Porque eles têm seus próprios pensamentos.

Podereis abrigar seus corpos, mas não suas almas;

Pois suas almas moram na mansão do amanhã, que vós não podeis visitar nem mesmo em sonho.

Podeis esforçar-vos por ser como eles, mas não procureis fazê-los como vós;

Porque a vida não anda para trás e não se demora com os dias passados.

Vós sois os arcos dos quais vossos filhos são arremessados como flechas vivas.

O Arqueiro mira o alvo na senda do infinito e vos estica com toda Sua força para que Suas flechas se projetem, rápidas epara longe.

Que vosso encurvamento na mão do Arqueiro seja vossa alegria:

Pois assim como Ele ama a flecha que voa, também ama o arco que permanece estável."

Então um homem opulento disse: "Fala-nos da Dádiva."E ele respondeu:

"Vós pouco dais quando dais de vossas posses.É quando derdes de vós próprios, que realmente dais.

Pois, o que são vossas posses, senão coisas que guardais por medo de precisardes delas amanhã?

E amanhã, que trará o amanhã ao cão ultra prudente que enterra ossos nas areias movediças, enquanto segue os peregrinospara a cidade santa?

E o que é o medo da necessidade senão a própria necessidade?

Não é vosso medo da sede, quando vosso poço está cheio, a sede insaciável?

Há os que dão pouco do muito que possuem, e fazem-no para serem elogiados, e seu desejo secreto desvaloriza seuspresentes.

E há os que pouco têm e dão-no inteiramente.

Esses confiam na vida e na generosidade da vida, e seus cofres nunca se esvaziam.

E há os que dão com alegria, e essa alegria é sua recompensa.

E há os que dão com pena, e essa pena é seu batismo.

E há os que dão sem sentir pena nem buscar alegria e sem pensar na virtude:

Dão como, no vale, o mirto espalha sua fragrância no espaço.

Pelas mãos de tais pessoas. Deus fala, e, através de seus olhos, Ele sorri para o mundo.

É belo dar, quando solicitado; é mais belo, porém, dar sem ser solicitado, por haver apenas compreendido;

E, para os generosos, procurar quem receberá é uma alegria maior ainda que a de dar.

E existe alguma coisa que possais conservar?

Tudo que possuís será um dia dado.

Dai, portanto, agora para que a época da dádiva seja vossa e não de vossos herdeiros.

Dizeis muitas vezes: "Eu daria, mas somente a quem merece."

As árvores de vossos pomares não falam assim, nem os rebanhos de vossos pastos.

Dão para continuar a viver, pois reter é perecer.

Certamente, quem é digno de receber seus dias e suas noites é digno de receber de vós tudo o mais.

E quem mereceu beber do oceano da vida, merece encher sua taça em vosso pequeno córrego.

E que mérito maior haverá do que aquele que reside na coragem e na confiança, mais ainda, na caridade de receber?

E quem; sois vós para que os homens devam expor seu íntimo e desnudar seu orgulho a fim de que possais ver seu méritodespido e seu orgulho rebaixado?

Procurai ver, primeiro, se vós próprios mereceis ser doadores e instrumentos do dom.

Pois, na verdade, é a Vida que dá à Vida — enquanto vós, que vos julgais doadores, sois simples testemunhas.

E vós que recebeis — e vós todos recebeis — não assumais nenhum encargo de gratidão, a fim de não pordes

um jugosobre vós e vossos benfeitores.

Antes, erguei-vos juntos com eles, sobre asas feitas de suas dádivas;

Pois se ficardes demasiadamente preocupados com vossas dívidas, estareis duvidando da generosidade daquele que tem aterra liberal por mãe e Deus por pai."

Então um velho estalajadeiro disse: "Fala-nos do Comer e Beber."E ele respondeu:

"Pudésseis viver do perfume da terra e, como uma planta, nutrir-vos da luz.

Mas, já que deveis matar para comer e roubar do recém-nascido o leite de sua mãe para saciar vossa sede, fazei disso umato de adoração.

E que vossa mesa seja um altar onde os puros e os inocentes da floresta e da planície são sacrificados àquilo que é aindamais puro e mais inocente no homem.

Quando matardes um animal, dizei-lhe no vosso coração:

"Pelo mesmo poder que te imola, eu também sou imolado, eu também servirei de alimento para outros;

Pois a lei que te entregou às minhas mãos me entregará a mãos mais poderosas.

Teu sangue e meu sangue nada são senão a seiva que nutre a árvore do céu."

E quando morderdes uma maçã, dizei-lhe no vosso coração:

"Tuas sementes viverão no meu corpo, E os brotos de teus amanhãs florescerão no meu coração,

E teu perfume será meu hálito,

E, juntos, regozijar-nos-emos em todas as estações."

E no outono, quando colherdes a uva de vossos vinhedos para o lagar, dizei-lhe no vosso coração:

"Eu também sou um vinhedo, e minha fruta será recolhida para o lagar,

E, como um vinho novo, serei guardado em vasos eternos."

E no inverno, quando beberdes o vinho, que haja no vosso coração uma canção para cada taça;

E que haja na canção um pensamento para os dias do outono, para o vinhedo e para o lagar."

E >ntão, um lavrador disse: "Fala-nos do Trabalho."E ele respondeu, dizendo:

"Vós trabalhais para acompanhar o ritmo da terra, e da alma da terra.

Porque ser indolente é tornar-se um estranho às estações e afastar-se do cortejo da vida, que avança com majestade eorgulhosa submissão rumo ao infinito.

Quando trabalhais, sois uma flauta através da qual o murmúrio das horas se transforma em melodia.

Quem de vós aceitaria ser um caniço mudo e surdo quando tudo o mais canta em uníssono?

Sempre vos disseram que o trabalho é uma maldição; e o labor, uma desgraça.

Mas eu vos digo que, quando trabalhais, realizais parte do sonho mais longínquo da terra, desempenhando assim umamissão que vos foi designada quando esse sonho nasceu.

E, apegando-vos ao trabalho, estais na verdade amando a vida. E quem ama a vida através do trabalho, partilha do segredomais íntimo da vida.

Mas se, em vossas dores, chamais o nascimento uma aflição e a necessidade de suportar a carne, uma maldição inscrita navossa fronte, então eu vos direi que só o suor de vossa fronte lavará esse estigma.

Disseram-vos que a vida é escuridão; e no vosso cansaço, repetis o que os cansados vos disseram.

E eu vos digo que a vida é realmente escuridão, exceto quando há um impulso.

E todo impulso é cego, exceto quando há saber.

E todo saber é vão, exceto quando há trabalho.

E todo trabalho é vazio, exceto quando há amor.

E quando trabalhais com amor, vós vos unis a vós próprios e uns aos outros, e a Deus.

E que é trabalhar com amor?É tecer o tecido com fios desfiados de vosso próprio coração, como se vosso bem-amado tivesse que usar esse tecido.

É construir uma casa com afeição, como se vosso bem-amado tivesse que habitar essa casa.

É pôr em todas as coisas que fazeis um sopro de vossa alma.É semear as sementes com ternura e recolher a colheita com alegria, como se vosso bem-amado fosse comer-lhe os frutos.

E saber que todos os abençoados mortos vos rodeiam e vos observam.

Muitas vezes ouvi-vos dizer como se estivésseis falando em sonho: "Aquele que trabalha no mármore e encontra na pedraa forma de sua alma, é mais nobre do que aquele que lavra a terra.

E aquele que agarra o arco-íris e o estende na tela em formas humanas, é superior àquele que confecciona sandálias paranossos pés."

Porém eu vos digo, não em sono, mas no pleno despertar do meio-dia, que o vento não fala com maior doçura aoscarvalhos gigantes do que à menor das folhas da relva;

E grande é somente aquele que transforma o ulular do vento numa canção tornada mais suave pelo seu próprio amor.

O trabalho é o amor feito visível.

E se não podeis trabalhar com amor, mas somente com desgosto, melhor seria que abandonásseis vosso trabalho e vossentásseis à porta do templo a solicitar esmolas daqueles que trabalham com alegria.

Pois se cozerdes o pão com indiferença, cozereis um pão amargo, que satisfaz somente à metade da fome do homem.

E se espremerdes a uva de má vontade, vossa má vontade se destilará no vinho como veneno.

E ainda que canteis como os anjos, se não tiverdes amor ao canto, tapais o ouvido do homem às vozes do dia e às vozes danoite."

Então uma mulher disse: "Fala-nos da Alegria e da Tristeza."E ele respondeu:

"Vossa alegria é vossa tristeza desmascarada.

E o mesmo poço que dá nascimento a vosso riso foi muitas vezes preenchido por vossas lágrimas.

E como poderia não ser assim?

Quanto mais profundamente a tristeza cravar a sua garra em vosso ser, tanto mais alegria podereis conter.

Não é a taça que contém vosso vinho a mesma que foi queimada no forno do oleiro?

E não é a lira que acaricia vossa alma a própria madeira que foi entalhada a faca?

Quando estiverdes alegres, olhai no fundo de vosso coração, e achareis que o que vos deu tristeza é aquilo mesmo que vosestá dando alegria.

E quando estiverdes tristes, olhai novamente no vosso coração e vereis que, na verdade, estais chorando por aquilo mesmoque constituiu vosso deleite.

Alguns dentre vós dizeis: "A alegria é maior que a tristeza", e outros dizem: "Não, a tristeza é maior."

Porém, eu vos digo que elas são inseparáveis.

Vêm sempre juntas, e, quando uma está sentada à vossa mesa, lembrai-vos de que a outra dorme em vossa cama.

É somente quando estais vazios que estais equilibrados.Em verdade, vós estais suspensos como os pratos de uma balança entre vossa tristeza e vossa alegria.

Quando o guarda do tesouro vos suspende para pesar seu ouro e sua prata, então deve a vossa alegria ou a vossa tristezasubir ou descer."

Então um pedreiro aproximou-se e disse:"Fala-nos das Habitações."

E ele respondeu e disse:

"Construí com vossos sonhos um abrigo no deserto, antes de construir uma moradia no recinto da cidade.

Porque da mesma forma por que voltais para casa no crepúsculo, assim faz o viajante que vive em vós, o sempre distante esolitário.

Vossa casa é vosso corpo mais largo.

Cresce ao sol e dorme no silêncio da noite, e ela também tem sonhos. V ossa casa não sonha e, sonhando, escapa da cidadepara o bosque ou a colina?

Se eu pudesse enfeixar vossas casas na minha mão e, como um semeador, dispersá-las nas florestas e nas

campinas!

Fossem os vales vossas ruas e as veredas verdejantes vossas aléias, para que pudésseis procurar-vos um ao outro atravésdos vinhedos e voltar com a fragrância da terra nas vossas roupas.

Porém, o tempo dessas coisas ainda não chegou.

No seu temor, vossos pais juntaram-vos demasiadamente perto uns dos outros. E esse medo sobreviverá algum tempoainda. E durante esse tempo, as muralhas de vossas cidades separarão vossos campos.

E dizei-me, povo de Orphalese, que possuís vós nessas habitações? E que objetos guardais atrás dessas portas trancadas?

Acaso possuís a paz, esse impulso tranqüilo que revela vossa potência?

Possuís as recordações, essas abóbadas cintilantes que amarram os cumes do espírito?

Possuís a beleza que conduz o coração dos objetos confeccionados com madeira e pedra para a montanha sagrada?

Dizei-me, possuís tudo isto em vossas casas?

Ou tendes somente o conforto e a cobiça do conforto — esse desejo furtivo que entra em casa como visita, e depois torna-se hóspede, e depois dono?

Sim, e torna-se também domador e, com forcado e açoite, reduz a títeres vossos desejos mais amplos.

Embora suas mãos sejam de seda, seu coração é de ferro.

Ele embala-vos até dormirdes, só para rondar vosso leito e zombar da dignidade de vossos corpos zomba também

devossos sentidos normais e deita-os na penugem macia como um vaso frágil.

Na verdade, vossa paixão pelo conforto assassina as paixões mais nobres de vossa alma e, depois, zombeteira, marcha no

seu enterro.

Mas vós, filhos do espaço, vos os inquietos no repouso, vós não caireis em armadilhas nem sereis domesticados.

Vossa casa não será uma âncora, mas um mastro.

Não será uma fita reluzente que recobre um ferimento, mas uma pálpebra que protege o olho.

Não dobrareis as asas para poder atravessar as portas, nem curvareis as cabeças para não bater nos tetos, nem retereisvossa respiração para não sacudir e abalar as paredes.

Não morareis em tumbas feitas pelos mortos para os vivos.

E apesar de sua magnificência e esplendor, vossa casa não conterá vosso segredo nem abrigará vossa nostalgia.

Pois aquilo que é ilimitado em vós mora no castelo do céu cuja porta é a bruma da aurora e cujas janelas são os cânticos eos silêncios da noite."

UM TECELÃO disse: "Fala-nos das Roupas."E ele respondeu:

"Vossos trajes ocultam muito de vossa beleza, porém não escondem o que não é belo.

Embora procureis em trajes a proteção libertadora de vossa intimidade, neles podeis encontrar arreios e cadeias.

Pudésseis enfrentar o sol e o vento com mais epiderme e menos roupas;

Pois o sopro da vida está na luz do sol e a mão da vida está no vento.

Alguns dentre vós dizeis: "O vento do Norte foi quem teceu os trajes que vestimos."

Eu, porém, vos digo: Sim, foi o vento do Norte.

Mas a desonra foi o seu tear e o relaxamento dos nervos, o seu fio.

E quando completou seu trabalho, ele riu na floresta.

Não esqueçais que a modéstia é um escudo contra o olhar do impuro.

E quando o impuro desaparecer, que será a decência senão um obstáculo e uma mancha na alma?

E não esqueçais que a terra se rejubila de sentir vossos pés desnudos e que os ventos anseiam por brincar com vossoscabelos."

UM COMERCIANTE disse: "Fala-nos das Compras e Vendas."E ele respondeu:

"A vós a terra oferece seus frutos, e nada vos faltará se somente souberdes como encher as mãos.

É trocando as dádivas da terra que encontrareis a abundância e sereis satisfeitos.

E, contudo, a menos que a troca se faça no amor e na justiça, ela conduzirá uns à avidez e outros à fome.

Quando vós, trabalhadores dos campos e dos vinhedos, encontrardes no mercado os tecelões, os oleiros e os colhedoresde especiarias,

Invocai o espírito mestre da terra para que desça sobre vós e santifique as balanças e os cálculos que comparam valor comvalor.

E não permitais que aqueles que têm as mãos vazias tomem parte nas vossas transações, eles que vos venderiam suaspalavras em troca de vosso labor.

A tais homens deveríeis dizer:

"Vinde conosco aos nossos campos ou ide com nossos irmãos para o mar e jogai vossa rede:

Pois tanto quanto a nós, a terra e o mar vos serão generosos."

Mas quando vierem os cantores e os bailarinos e os flautistas, comprai de suas ofertas.

Pois eles também colhem frutos e incensos e, embora feitos de sonhos, seus produtos são vestimentas e alimentos para

vossas almas.

E antes de deixardes o mercado, vede que ninguém se retire de mãos vazias.

Pois o espírito mestre da terra não descansará em paz sobre o vento enquanto as necessidades do mais humilde entre vósnão tiverem sido satisfeitas."

Então um dos juízes da cidade acercou-se e disse: "Fala-nos do Crime e do Castigo."E ele respondeu, dizendo:"É quando vosso espírito vagueia sobre o vento Que vós, sozinhos e desprevenidos, cometeis delitos contra os outros e,portanto, contra vós próprios.

E pela remissão do mal cometido, devereis bater à porta dos eleitos e esperar algum tempo antes de serdes

atendidos.

Similar ao oceano é vosso Eu-divino:

Permanece sempre imaculado.

E, como o éter, ele sustenta somente os alados.

E similar também ao sol é vosso Eu-divino:

Desconhece os caminhos das tocas e evita o covil das serpentes.

Mas vosso Eu-divino não reside sozinho no vosso ser.

Em vós, muito é ainda do homem, e muito não é ainda do homem.

M

É do homem em vós que quero agora falar.as apenas de um pigmeu informe que vagueia sonâmbulo nas brumas, em procura de seu próprio despertar.

Porque é ele, e não o vosso Eu-divino ou o pigmeu que vagueia nas brumas, quem conhece o crime e o castigo do crime.

Constantemente vos tenho ouvido falar daquele que comete uma ação má como se não fosse dos vossos, mas umestrangeiro entre vós e um intruso em vosso mundo.

Mas eu vos digo: Da mesma maneira que o santo e o justo não podem se elevar acima do que há de mais elevado em vós,

Assim o perverso e o fraco não podem descer abaixo do que há de mais baixo em vós.

E da mesma forma que nenhuma folha amarelece senão com o silencioso assentimento da árvore inteira,

Assim o malfeitor não pode agir mal sem o secreto consentimento de todos vós.

Como uma procissão, vós avançais, juntos, para vosso Eu-divino.

Vós sois o caminho e os que caminham.

E quando um dentre vós tropeça, ele cai pelos que caminham atrás dele, alertando-os contra a pedra traiçoeira.

Sim, e ele cai pelos que caminham adiante dele, que, embora tendo o pé mais ligeiro e mais seguro, não removeram,contudo, a pedra traiçoeira.

E ouvi também isto, embora a palavra deva pesar rudemente sobre vossos corações:

O assassinado é censurável por seu próprio assassínio.

E o roubado não é isento de culpa por ter sido roubado.

E o justo não é inocente das ações do mau.

Sim, o culpado é, muitas vezes, a vítima do ofendido.

E mais comumente ainda, o condenado carrega o fardo para o inocente e o irreprochável.

Vós não podeis separar o justo do injusto e o bom do malvado;

Porque ambos caminham juntos diante da face do sol, exatamente como os fios branco e negro são tecidos juntos.

E quando o fio negro rompe-se, o tecelão verifica todo o tecido e examina também o tear.

Se um dentre vós põe em julgamento a esposa infiel,

Que pese também na balança o coração de seu marido, e meça sua alma com cuidado.

E aquele que deseja fustigar o ofensor, examine a alma do ofendido.

E se um dentre vós pretende punir em nome da retidão e pôr o machado na árvore do mal, que considere também as raízesda árvore;

E, na verdade, encontrará as raízes do bem e do mal, do frutífero e do estéril, entrelaçadas no coração silencioso da terra.

E vós, juízes que desejais ser justos.

Que julgamento pronunciareis contra aquele que, embora honesto na carne, é ladrão no espírito?

E como punireis aquele que assassina o corpo, mas é, ele próprio, assassinado no espírito?

E como processareis aquele que, impostor e opressor nas suas ações,É também molestado e ultrajado?

E como punireis aqueles cujos remorsos já são maiores que seus delitos?

Não é o remorso uma justiça aplicada por esta mesma lei que vós desejais servir?

E, contudo, não podeis pôr o remorso sobre o coração do inocente, nem levantá-lo do coração do culpado.

Espontaneamente, ele gritará na noite para que os homens despertem e se considerem.

E vós que desejais compreender a justiça, como a compreendereis sem examinar todas as ações na plenitude da luz?

Somente então sabereis que o erecto e o caído são um mesmo homem, vagueando no crepúsculo entre a noite de seu Eu-

pigmeu e o dia de seu Eu-divino.

E que a pedra angular do templo não supera a pedra mais baixa de suas fundações."

Então um advogado disse: "Que pensais de nossas Leis, mestre?"E ele respondeu:

"Vós vos deleitais em estabelecer leis.

Mas vos deleitais ainda mais em violá-las,

Tais como crianças brincando à beira do oceano edificam, pacientemente, torres de areia e, logo em seguida, as destroementre risadas.

Mas enquanto edificais vossas torres de areia, o oceano atira mais areia à praia,

E quando vós as destruís, o oceano ri convosco.

Na verdade, o oceano sempre ri com os inocentes.

Mas que dizer daqueles para quem a vida não é um oceano, nem as leis baixadas pelo homem, torres de areia,

Aqueles para quem a vida é uma pedra, e a lei, um cinzel com^ o qual procuram esculpi-la à sua própria imagem?

Que dizer do aleijado que odeia os bailarinos?

E do boi que gosta de seu jugo e considera o gamo e o veado seres extraviados e vagabundos?

E da serpente idosa que não pode mais largar a pele e qualifica todas as outras de desnudas e impudicas?

E daquele que chega cedo ao banquete de núpcias e, depois, saciado e esgotado, segue seu caminho, dizendo que todofestim é uma violação da lei e todo festejador um culpado?

Que direi desses todos, senão que eles também se mantêm na claridade do sol, mas de costas para o sol?

Vêem somente suas sombras, e suas sombras são suas leis.

E que é o sol para eles senão um lançador de sombras?

E que é reconhecer as leis senão curvar-se e delinear essas sombras sobre a terra?

Vós, porém, que caminhais encarando o sol, que imagens desenhadas sobre a terra vos podem reter?

Vós que viajais com o vento, que catavento orientará vosso curso?

Que lei humana vos poderá atar quando quebrardes vosso jugo, mas não à porta de uma prisão humana?

Que leis temereis se dançardes sem tropeçar em nenhuma cadeia de ferro feita pelo homem?

E quem vos poderá acusar em juízo se rasgais vossas vestimentas sem as atirar no caminho alheio?

Povo de Orphalese, podeis abafar o tambor e afrouxar as cordas da lira, mas quem poderá proibir a calhandra de cantar?"

UM TRIBUNO disse: "Fala-nos da Liberdade.""E ele respondeu:"Às portas da cidade e em vossos lares, eu vos vi prosternar-vos e adorar vossa própria liberdade,

Como escravos que se humilham perante um tirano e glorificam-no embora ele os destrua.

Sim, na alameda do templo e à sombra da cidadela, tenho visto os mais livres entre vós carregar sua liberdade como umjugo e um grilhão.

E meu coração sangrou dentro de mim; pois só podereis litaertar-vos quando até mesmo o desejo de procurar a liberdadese tornar um jugo para vós, e quando cessardes de falar da liberdade como de uma meta e um fim.

Sereis, na verdade, livres, não quando vossos dias estiverem sem preocupação e vossas noites sem necessidades e semaflição.

Mas, antes, quando essas coisas apertarem vossa vida e, entretanto, conseguirdes elevar-vos acima delas, desnudos edesatados.

E como vos elevareis acima de vossos dias e de vossas noites se não quebrardes as cadeias com que, na madrugada devosso entendimento, prendestes vossa hora meridiana?

Na verdade, o que chamais liberdade é a mais forte destas cadeias, embora seus anéis cintilem ao sol e vos deslumbrem.

E que é que quereis rejeitar para serdes livres, senão fragmentos de vós próprios?

Se é uma lei injusta que pretendeis abolir, lembrai-vos de que esta lei foi escrita por vossa própria mão em vossa própria

testa.

Não conseguireis extingui-la, queimando vossos códigos nem lavando as faces de vossos juízes, embora despejeis o marpor cima delas.

E se é um déspota que quereis destronar, verificai primeiro se seu trono erigido dentro de vós está destruído.

Pois, como pode um tirano dominar os livres e os altivos, se não houver tirania na sua própria liberdade e vergonha na suaprópria altivez?

E se é uma preocupação que quereis rejeitar, essa preocupação foi escolhida por vós mais do que a vós imposta.

E se é um temor que precisais dissipar, o centro desse temor está em vosso coração e não na mão do temido.

Na verdade, todas as coisas movem-se dentro de vós em constante meio-apêrto, as desejadas e as receadas, aquelas quevos repugnam e aquelas que vos atraem, aquelas de que fugis e aquelas que procurais.

Essas coisas movem-se dentro de vós como luzes e sombras em pares estritamente unidos.

E quando a sombra desvanece e se dissipa, a luz que se demora torna-se a sombra de uma outra luz.

E desta forma, quando vossa liberdade perde seus entraves, torna-se um entrave para uma liberdade maior."

A SACERDOTISA falou novamente e disse:"Fala-nos da Razão e da Paixão."

E ele respondeu, dizendo:

"V ossa alma é frequentemente um campo de batalha onde vossa razão e vosso juízo combatem contra vossa paixão e vossoapetite.

Pudesse eu ser o pacificador de vossa alma, transformando a discórdia e a rivalidade entre vossos elementos em união emelodia.

Mas como poderei fazê-lo, a menos que vós próprios sejais também pacificadores, mais ainda, enamorados de todos

vossos elementos?

Vossa razão e vossa paixão são o leme e as velas de vossa alma navegante.

Se vossas velas ou vosso leme se quebram, só podereis ficar derivando ou permanecer imóveis no meio do mar.

Pois a razão, reinando sozinha, restringe todo impulso; e a paixão, deixada a si, é um fogo que arde até sua própriadestruição.

Portanto, que vossa alma eleve vossa razão à altura de vossa paixão, para que ela possa cantar;

E que dirija vossa paixão a passo com a razão, para que ela possa viver numa ressurreição cotidiana e, tal a fênix,renascer de suas próprias cinzas.

Gostaria de que tratásseis vosso juízo e vosso apetite como trataríeis dois hóspedes amados em vossa casa.

Certamente não honraríeis a um hóspede mais do que a outro; pois quem procura tratar melhor a um dos dois, perde o amore a confiança de ambos.

Entre as colinas, quando vos sentardes à sombra fresca dos álamos brancos, partilhando da paz e da serenidade doscampos e dos prados distantes, então que vosso coração diga em silêncio: "Deus repousa na Razão."

E quando bramir a tempestade e o vento poderoso sacudir a floresta, e o trovão e o relâmpago proclamarem a majestadedo céu, então que vosso coração diga com temor e respeito: "Deus age na Paixão."

E já que sois um sopro na esfera de Deus e uma folha na floresta de Deus, também deveis descansar na razão e agir napaixão."

UMA MULHER disse: "Fala-nos da Dor."E ele respondeu:

"Vossa dor é o rompimento do invólucro que encerra vossa compreensão.

Assim como a semente da fruta deve se quebrar para que seu coração apareça ante o sol, deste mesmo modo deveisconhecer a dor.

Se vossos corações pudessem viver sempre no deslumbramento do milagre cotidiano, vossa dor não vos apareceria menosmaravilhosa que vossa alegria;

E aceitaríeis as estações de vosso coração, como sempre aceitastes as estações que passam sobre vossos campos.

E contemplaríeis serenamente os invernos de vossa aflição.

Grande parte de vosso sofrimento é por vós próprios escolhida.

É a amarga poção com a qual o médico que está em vós cura o vosso Eu doente.

Confiai, portanto, no médico, e bebei seu remédio em silêncio e tranqüilidade:

Porque sua mão, embora pesada e dura, é guiada pela suave mão do Invisível.

E a taça que ele vos dá, embora queime vossos lábios, foi confeccionada com a argila que o Oleiro umedeceu com Suaslágrimas sagradas."

UM HOMEM disse: "Fala-nos do Conhecimento de Si Próprio."E ele respondeu, dizendo:

"Vossos corações conhecem em silêncio os segredos dos dias e das noites.

Mas vossos ouvidos anseiam ouvir o que vossos corações sabem.

Desejais conhecer em palavras aquilo que sempre conhecestes em pensamento.

Quereis tocar com os dedos o corpo nu de vossos sonhos.

E é bom que vós o desejeis.

A fonte secreta de vossa alma precisa brotar e correr, murmurando, para o mar;

E o tesouro de vossas profundezas ilimitadas precisa revelar-se a vossos olhos.

Mas não useis balanças para pesar vossos tesouros desconhecidos;

E não procureis explorar as profundidades de vosso conhecimento com uma vara ou uma sonda.

Porque o Eu é um mar sem limites e sem medidas.

Não digais: "Encontrei a verdade." Dizei de preferência: "Encontrei uma verdade."

Não digais: "Encontrei a senda da alma." Dizei de preferência: "Encontrei a alma andando em meu caminho."

Porque a alma anda por todos os caminhos.

A alma não caminha numa linha reta nem cresce como um caniço.

A alma desabrocha, tal um lótus de inúmeras pétalas."

Então um professor disse: "Fala-nos do Ensino."E ele disse:

"Nenhum homem poderá revelar-vos nada senão o que já está meio adormecido na aurora do vosso entendimento.

O mestre que caminha à sombra do templo, rodeado de discípulos, não dá de sua sabedoria, mas sim de sua fé e de sua

ternura.

Se ele for verdadeiramente sábio, não vos convidará a entrar na mansão de seu saber, mas antes vos conduzirá ao limiarde vossa própria mente.

O astrônomo poderá falar-vos de sua compreensão do espaço, mas não vos poderá dar sua compreensão.

O músico poderá cantar para vós o ritmo que existe em todo o universo, mas não vos poderá dar o ouvido que capta amelodia, nem a voz que a repete.

E o versado na ciência dos números poderá falar-vos do mundo dos pesos e medidas, mas não vos poderá levar até lá.

Porque a visão de um homem não empresta suas asas a outro homem.

E assim como qualquer de vós se mantém só no conhecimento de Deus, assim cada um de vós deve ter sua própriacompreensão de Deus e sua própria interpretação das coisas da terra."

Pois o que vós amais nele pode tornar-se mais claro na sua ausência, como para o alpinista a montanha aparece mais clara,vista da planície.

E que não haja outra finalidade na amizade a não ser o amadurecimento do espírito.

Pois o amor que procura outra coisa a não ser a revelação de seu próprio mistério não é amor, mas uma rede armada, esomente o inaproveitável é nela apanhado.

E que o melhor de vós próprios seja para vosso amigo.

Se ele deve conhecer o fluxo de vossa maré, que conheça também o seu refluxo.

Pois, que achais seja vosso amigo para que o procureis somente a fim de matar o tempo?

Procurai-o sempre com horas para viver.

Pois o papel do amigo é o de encher vossa necessidade, e não vosso vazio.

E na doçura da amizade, que haja risos e o partilhar dos prazeres.

Pois no orvalho de pequenas coisas, o coração encontra sua manhã e se sente refrescado."

Então um literato disse: "Fala-nos da Conversação."

E ele respondeu:

"Vos falais quando deixais de estar em paz com vossos pensamentos;

E quando não podeis mais viver na solidão de vosso coração, procurais viver nos vossos lábios, e encontrais então umadiversão e um passatempo nas vibrações emitidas.

E em grande parte de vossas conversações, o pensamento é meio assassinado.

Pois o pensamento é uma ave do espaço que, numa gaiola de palavras, pode abrir suas asas mas não pode voar.

Há entre vós aqueles que procuram os faladores, por medo da solidão.

O silêncio da solidão revela-lhes seu Eu desnudo, e eles preferem escapar-lhe.

E há aqueles que falam e, sem saber ou prever, revelam uma verdade que eles próprios não compreendem.

E há aqueles que possuem a verdade dentro de si, mas não a expressam em palavras.

No íntimo de tais pessoas, o espírito habita num silêncio rítmico.

Quando encontrardes vosso amigo na rua ou no mercado público, deixai que o espírito que está em vós ponha emmovimento vossos lábios e dirija vossa língua.

E que a voz escondida na vossa voz fale ao ouvido de seu ouvido;

Pois sua alma guardará a verdade de vosso coração, como é lembrado o sabor do vinho,

Mesmo depois que a sua cor houver sido esquecida, e a taça que o continha não mais existir."

E UM adolescente disse: "Fala-nos da amizade."E ele respondeu, dizendo:

"Vosso amigo é a satisfação de vossas necessidades.

Ele é o campo que semeais com carinho e ceifais com agradecimento.

E vossa mesa e vossa lareira.

Pois ides a ele com vossa fome e o procurais em busca de paz.

Quando vosso amigo expressa seu pensamento, não temais o "não" de vossa própria opinião, nem prendais o "sim".

E quando ele se cala, que vosso coração continue a ouvir seu coração,

Porque na amizade, todos os desejos, ideais, esperanças, nascem e são partilhados sem palavras, numa alegria

silenciosa.

Quando vos separais de vosso amigo, não vos aflijais.

Pois o que amais nele pode tornar-se mais claro na sua ausência, como para o alpinista a montanha aparece mais clara,vista da planície.

E que não haja outra finalidade na amizade a não ser o amadurecimento do espírito.

Pois o amor que procura outra coisa a não ser a revelação de seu próprio mistério não é amor, mas uma rede armada, esomente o inaproveitável é nela apanhado.

E que o melhor de vós próprios seja para vosso amigo.

Se ele deve conhecer o fluxo de vossa maré, que conheça também o seu refluxo.

Pois, que achais seja vosso amigo para que o procureis somente a fim de matar o tempo?

Procurai-o sempre com horas para viver:

O papel do amigo é de encher vossa necessidade, não vosso vazio.

E na doçura da amizade, que haja risos e o partilhar dos prazeres.

Pois no orvalho de pequenas coisas, o coração encontra sua manhã e sente-se refrescado."

ENTÃO, um literato disse: "Fala-nos da conversação."E ele respondeu:

"Vós conversais quando deixais de estar em paz com vossos pensamentos.

E quando não podeis mais viver na solidão de vosso coração, procurais viver nos vossos lábios, e encontrais então umadiversão e um passatempo nas vibrações emitidas.

Em grande parte de vossas conversações, o pensamento é meio assassinado.

Pois o pensamento é uma ave do espaço que, numa gaiola de palavras, pode abrir as asas, mas não pode voar.

Há entre vós aqueles que procuram os faladores por medo da solidão.

A quietude da solidão revela-lhes seu Eu desnudo, e eles preferem escapar-lhe.

E há aqueles que falam e, sem o saber ou prever, traem uma verdade que eles próprios não compreendem.

E há aqueles que possuem a verdade dentro de si, mas não a expressam em palavras.

No íntimo de tais pessoas, o espírito habita num silêncio rítmico.

Quando encontrardes vosso amigo na rua ou no mercado público, deixai que o espírito que está em vós ponha emmovimento vossos lios e dirija vossa língua.

E que a voz escondida na vossa voz fale ao ouvido de seu ouvido;

Pois sua alma guardará a verdade de vosso coração, como é lembrado o sabor do vinho,

Mesmo depois que a sua cor houver sido esquecida, e a taça que o continha não mais existir."

ENTÃO UM ASTRONÓMO: disse; “Mestre, que dizeis do Tempo?"E ele respondeu:

"Gostaríeis de medir o tempo, o ilimitado e o incomensurável.

Gostaríeis de ajustar vosso comportamento e mesmo reger o curso de vossa alma de acordo com as horas e as estações.

Do tempo gostaríeis de fazer um rio, na margem do qual sentaríeis para observar correr as águas.

Contudo, o que em vós escapa ao tempo sabe que a vida também escapa ao tempo.

E sabe que ontem é, apenas, a recordação de hoje e amanhã, o sonho de hoje.

E aquilo que canta e medita em vós continua a morar dentro daquele primeiro momento em que as estrelas foram semeadas

no espaço.

Quem, dentre vós, não sente que seu poder de amar é ilimitado?

E, porém, quem não sente esse amor, embora ilimitado, circunscrito dentro do seu próprio ser, e não se movendo de um pensamento amoroso a outro, e de uma ação amorosa a outra?

E não é o tempo, exatamente como o amor, indivisível e insondável?

Contudo, se em vossos pensamentos deveis dividir o tempo em estações, que cada estação envolva todas as outras estações,

E que vosso presente abrace o passado com nostalgia e o futuro com ânsia e carinho."

UM DOS anciãos da cidade disse: "Fala-nos do Bem e do Mal."E ele respondeu:

"Do bem que está em vós, poderei falar, mas não do mal.

Pois que é o mal senão o próprio bem torturado por sua fome e sede?

Em verdade, quando o bem sente fome, procura alimentos até nos antros escuros, e quando sente sede, desaltera-se até em águas estagnadas.

Vós sois bons quando vos identificais com vós próprios.

Porém, quando não vos identificais com vós próprios, não sois maus.

Pois a casa que se divide não se torna antro de ladrões; é, apenas, uma casa dividida.

E um navio sem leme pode vaguear sem rumo entre recifes perigosos, e não se afundar.

Vós sois bons quando vos esforçais por dar de vós próprios.

Porém, não sois maus quando vos limitais a procurar o lucro.

Pois, quando lutais pelo lucro, sois simplesmente raízes que se agarram à terra e sugam seu seio.

Certamente a fruta não pode dizer à raiz: "Sê como eu, madura e plena, e sempre generosa de tua abundância."

Pois, para a fruta, dar é uma necessidade como, para a raiz, receber é uma necessidade.

Vós sois bons quando falais plenamente acordados.

Porém, não sois maus quando adormeceis enquanto vossa língua tartamudeia sem propósito.

E mesmo um discurso gaguejante pode fortalecer uma língua débil.

Vós sois bons quando andais rumo a vosso objetivo, firmemente e com passos intrépidos.

Porém, não sois maus quando ides coxeando.

Mesmo aqueles que coxeiam não andam para trás.

Mas vós que sois fortes e velozes, guardai-vos de coxear por complacência na presença dos coxos.

Vós sois bons de inumeráveis maneiras, e não sois maus quando não sois bons.

Estais apenas ociosos e indolentes.

Pena que as gazelas não possam ensinar a velocidade às tartarugas.

Na vossa ânsia pelo vosso Eu-gigante está vossa bondade: e essa ânsia está em todos vós.

Mas em alguns, essa ânsia é uma torrente que se precipita impetuosamente para o mar, carregando os segredos das colinase as canções da floresta.

Em outros, é uma corrente preguiçosa que se perde em meandros, e serpenteia, arrastando-se, antes de atingir a costa.

Mas que aquele que muito deseja se guarde de dizer àquele que pouco deseja: "Por que és lento e atrasado?"

Pois o verdadeiramente bom não pergunta ao desnudo: "Onde está tua roupa?" nem ao desabrigado:

"Que aconteceu à tua casa?"

Então uma sacerdotisa disse: "Fala-nos da Prece."E ele respondeu, dizendo:

"Vós rezais nas vossas aflições e necessidades; pudésseis também rezar na plenitude de vossa alegria e nos dias deabundância.

Pois que é a oração senão a expansão de vosso ser para o éter vivente?

E se constitui conforto exalar vossas trevas no espaço, maior conforto sentireis quando exalardes a aurora de vossocoração.

E se não podeis reter vossas lágrimas quando vossa alma vos chama para orar, ela vos deveria esporear repetidamente,embora chorando, até que aprendêsseis a orar com alegria.

Quando rezais, vos elevais até encontrardes, nas alturas, aqueles que estão orando à mesma hora, e que, fora da oração,talvez nunca encontrásseis.

Portanto, que vossa visita a esse templo invisível não tenha nenhuma outra finalidade senão o êxtase e a doce comunhão.

Pois se penetrardes no templo unicamente para pedir, nada recebereis.

E se nele entrardes para vos curvar, ninguém vos erguerá.

E mesmo se aí fordes para mendigar favores para outros, não sereis atendidos.É bastante que entreis no templo invisível.

Não vos posso ensinar a rezar com palavras.

Deus não escuta vossas palavras, exceto quando Ele próprio as pronuncia através de vossos lábios.

E não vos posso ensinar a oração dos mares e das florestas e das montanhas.

Mas vós que nascestes das montanhas, e das florestas, e dos mares, podeis encontrar suas preces no vosso coração.

E se somente escutardes na quietude da noite, ouvi-los-eis dizendo em silêncio:

"Deus nosso, que és nosso Eu alado, é Tua vontade em nós que quer.

É Teu impulso em nós que pode transformar nossas noites, que Te pertencem, em dias que, também.É Teu desejo em nós que deseja.

Te pertencem.

Nada Te podemos pedir, pois Tu conheces nossas necessidades antes mesmo que nasçam em nós.

Tu és nossa necessidade; e dando-nos mais de Ti, Tu nos dás tudo."

Então um ermitão que visitava a cidade uma vez por ano, acercou-se e disse: "Fala-nos do Prazer."E ele respondeu, dizendo:

"O prazer é uma canção de liberdade.

Mas não é a liberdade.

É o desabrochar de vossos desejos,

Mas não a sua fruta.

É um abismo olhando para um cume.

Mas não é nem o abismo nem o cume.

É o engaiolado ganhando o espaço,

Mas não é o espaço que o envolve.

Sim, na verdade, o prazer é uma canção de liberdade.

E de bom grado eu vos ouviria cantá-la de todo vosso coração; porém, não gostaria que perdêsseis vossos corações no

canto.

Alguns de vossos jovens procuram o prazer como se fosse tudo na vida, e são condenados e repreendidos.

Eu preferiria nem condená-los, nem repreendê-los, mas deixá-los procurar.

Pois encontrarão o prazer, mas não só ele:

Sete são suas irmãs, e a última dentre elas é mais bela que o prazer.

Não ouvistes falar do homem que cavava a terra à procura de raízes e descobriu um tesouro?

E alguns de vossos anciões recordam, seus prazeres com remorso, como se fossem erros cometidos num estado deembriaguez.

Mas o remorso é o escurecimento da alma e não o seu castigo.

Deveriam, antes, recordar seus prazeres com gratidão, como recordariam uma colheita de verão.

Todavia, se acharem conforto no remorso, deixemo-los se confortarem.

E há entre vós aqueles que não são jovens para procurar, nem velhos para recordar;

E no seu temor de procurar e recordar, desprezam todos os prazeres por medo de afugentar ou ofender o espírito.

Porém, na sua renúncia está seu prazer.

E, assim, eles também descobrem um tesouro embora cavem com as mãos trêmulas à procura de raízes.

Mas dízei-me quem é que pode ofender o espírito?

Ofende o rouxinol a quietude da noite, ou o pirilampo as estrelas?

E poderá vossa flama ou vossa fumaça sobrecarregar o vento?

Credes que o espírito é um poço tranqüilo que podeis perturbar com um bastão?

Muitas vezes, ao negardes a vós mesmos um prazer, nada mais fazeis do que armazená-lo nos recessos de vosso Eu.

E quem sabe se o que parece omitido hoje não espera pelo amanhã?

Mesmo vosso corpo conhece sua herança e seus direitos, e vós não o podereis iludir.

E vosso corpo é a harpa de vossa alma;

A vós pertence tirar dele música melodiosa ou ruídos dissonantes. !

E agora vós perguntais em vosso coração:

"Como distinguiremos o que é bom no prazer do que é mau?"

Ide, pois, aos vossos campos e pomares e, lá, aprendereis que o prazer da abelha é de sugar o mel da flor,

Mas que o prazer da flor é de entregar o mel à abelha.

Pois, para a abelha, uma flor é uma fonte de vida.

E para a flor, uma abelha é uma mensageira de amor.

E para ambas, a abelha e a flor, dar e receber o prazer é uma necessidade e um êxtase.

Povo de Orphalese, nos vossos prazeres, imitai as flores e as abelhas."

UM POETA disse: "Fala-nos da Beleza."E ele respondeu:

"Onde procurareis a beleza e como a podereis encontrar a menos que ela mesma seja vosso caminho e vosso guia?

E como podereis falar a menos que ela mesma teça vossas palavras?

Os aflitos e os feridos dizem: "A beleza é amável e suave.

Como uma jovem mãe, meio encabulada na sua glória, ela caminha entre nós."

Os apaixonados dizem: "Não, a beleza é uma força poderosa e temível.

Como a tempestade, ela sacode a terra abaixo e o céu acima."

Os cansados e os gastos dizem: "A beleza é um murmúrio suave. Ela fala em nosso espírito.

Sua voz cede aos nossos silêncios como uma luz tênue que treme por medo da sombra."

Mas os turbulentos dizem: "Nós a ouvimos gritar entre as montanhas,

E com seus gritos chegavam o tropel de cavalos, o bater de asas e o rugir de leões."

A noite, os guardas da cidade dizem: "A beleza despontará do Oriente, com a aurora."

E, ao meio-dia, os trabalhadores e os transeuntes dizem: "Nós a temos visto inclinada sobre a terra, das janelas dopoente."

No inverno, os prisioneiros da neve dizem: "Ela virá com a primavera, pulando sobre as colinas."

E no calor do verão, os ceifeiros dizem: "Nós a vimos dançar com as folhas do outono, e havia neve no seu cabelo."

Todas essas coisas, vós dissestes da beleza.

Porém, na verdade, não falastes dela, mas de desejos insatisfeitos.

E a beleza não é um desejo, mas um êxtase.

Não é uma boca sequiosa, nem uma mão vazia que se estende,

Mas, antes, um coração inflamado e uma alma encantada.

Ela não é a imagem que desejais ver, nem a canção que desejais ouvir,

Mas, antes, a imagem que contemplais com olhos velados e a canção que ouvis com ouvidos tapados.

Não é a seiva por baixo da cortiça enrugada, nem uma asa atada a uma garra.

Mas, sim, um pomar sempre em flor, e uma multidão de anjos em vôo.

Povo de Orphalese, a beleza é a vida quando a vida desvela seu rosto sagrado.

Mas vós sois a vida, e vós sois o véu.

A beleza é a eternidade olhando para si própria num espelho.

Mas vós sois a eternidade, e vós sois o espelho."

Então UM VELHO sacerdote disse: "Fala-nos da Religião." E ele disse:"Tenho eu falado de outra coisa hoje?

Não é a religião todas as nossas ações e reflexões?

E tudo o que não é ação nem reflexão, mas aquele espanto e aquela surpresa sempre brotando na alma, mesmo quando asmãos talham a pedra ou manejam o tear?

Quem pode separar sua fé de suas ações, ou sua crença de seus afazeres?

Quem pode espalhar suas horas perante si, dizendo: "Esta é para Deus, e essa é para mim; esta é para minha alma, e essa épara meu corpo?"

Todas vossas horas são asas que adejam através do espaço, passando de um Eu ao outro.

Aquele que veste sua moralidade como veste seus melhores trajes, melhor seria que andasse desnudo.

O vento e o sol não cavarão buracos na sua pele.

E aquele que traça sua conduta pela ética, encarcera seu pássaro cantor numa gaiola.

A mais livre canção não chega através de barras e arames.

E aquele para quem a adoração é uma janela a abrir, mas também a fechar, não visitou ainda o santuário de sua alma, cujasjanelas permanecem abertas de aurora a aurora.

Vossa vida cotidiana é vosso templo e vossa religião.

Todas as vezes que penetrais nela, levai convosco todo o vosso ser.

Levai o arado, a forja, o macete e a lira,

Todas as coisas que modelastes por necessidade ou por prazer:

Pois nos vossos sonhos, não podeis elevar-vos acima de vossas realizações nem cair abaixo de vossos fracassos.

E levai convosco todos os homens:

Pois na vossa adoração, não podeis voar acima de suas esperanças nem aviltar-vos abaixo de seu desespero.

E se quereis conhecer a Deus, não procureis transformar-vos em decifradores de enigmas.

Olhai, antes, à vossa volta e encontrá-Lo-eis a brincar com vossos filhos.

E erguei os olhos para o espaço e vê-Lo-eis caminhando nas nuvens, estendendo Seus braços no relâmpago e descendo nachuva.

E o vereis sorrindo nas flores e agitando as mãos nas árvores."

Então Almitra falou, dizendo: "Gostaríamos de interrogar-te a respeito da Morte."E ele disse:

"Quereis conhecer o segredo da morte.

Mas como poderíeis descobri-lo se não o procurardes no coração da vida?

A coruja, cujos olhos, feitos para a noite, são velados ao dia, não pode descortinar o mistério da luz.

Se quereis realmente contemplar o espírito da morte, abri amplamente as portas de vosso coração ao corpo da vida.

Pois a vida e a morte são uma e a mesma coisa, como o rio e o mar são uma e a mesma coisa,

Na profundidade de vossas esperanças e aspirações dorme vosso silencioso conhecimento do além;

E como sementes sonhando sob a neve.

Assim vosso coração sonha com a primavera.

Confiai nos sonhos, pois neles se ocultam as portas da eternidade.

V osso temor da morte é semelhante ao temor do camponês quando se encontra diante do rei, e este estende-lhe sua mão emsinal de consideração.

O camponês não se regozija, apesar do seu temor, de receber as insígnias do rei?

Contudo, não está ele mais atento ao seu temor que à distinção recebida?

Pois, que é morrer senão expor-se, desnudo, aos ventos e dissolver-se no sol?

E que é cessar de respirar senão libertar o hálito de suas marés agitadas, a fim de que se levante e se expanda e procure a Deus livremente?

É somente quando beberdes do rio do silêncio que podereis realmente cantar.É somente quando atingirdes o cume da montanha que começareis a subir.

É quando a terra reivindicar vossos membros que podereis verdadeiramente dançar."

Então, já era a noite.E Almitra, a vidente, disse: "Bendito seja este dia e este lugar e teu espírito que nos falou."

E ele respondeu: "Fui eu realmente quem falou? Não era eu também um ouvinte?"

Então ele desceu os degraus do Templo, e toda a multidão o seguiu. E dirigindo-se a seu navio, subiu ao convés.

E virando-se novamente para a multidão, ergueu a voz e disse:

"Povo de Orphalese, o vento me convida a vos deixar.

Embora não esteja eu tão apressado quanto o vento, todavia devo afastar-me.

Nós, os errantes, que andamos sempre à procura do caminho mais solitário, jamais iniciamos um dia onde encerramos odia anterior;

Nunca a aurora nos encontra onde o poente nos deixou.

Mesmo quando a terra dorme, nós viajamos.

Somos as sementes de uma planta tenaz, e é quando amadurecemos e atingimos nossa plenitude de coração, que o vento seapodera de nós e nos espalha.

Breves foram meus dias entre vós, e mais breves ainda as palavras que pronunciei.

Mas se um dia minha voz se desvanecer em vossos ouvidos, e se meu amor se evaporar de vossa memória, então voltarei a

vós.

E com um coração mais fecundo e lábios mais obedientes à voz do espírito, falar-vos-ei de novo.

Sim, voltarei com a maré,

E embora a morte me oculte, e o grande silêncio me envolva, procurarei novamente vossa compreensão.

E não procurarei em vão.

Se algo do que vos disse for verdade, essa verdade vos será revelada com voz mais sonora e em palavras mais acessíveisao vosso entender.

Vou-me com o vento, povo de Orphalense, mas não descerei ao vácuo do nada;

E se este dia não foi a realização de vossas aspirações e de meu amor, fique ao menos como a promessa de um encontrofuturo.

Transformam-se as necessidades do homem, mas não seu amor, não seu desejo de ver suas necessidades satisfeitas pelo

seu amor.

Sabei, portanto, que voltarei do meio do silêncio supremo.

A neblina, que desaparece ao alvorecer, deixando somente orvalho nos campos, eleva-se, condensa-se em nuvem e caisobre a terra como chuva.

E não diferente da neblina tenho sido eu.

Na calma da noite passeava em vossas ruas, e meu espírito penetrava em vossas casas.

O pulsar de vossos corações repercutia no meu coração, e vosso hálito flutuava sobre meu rosto, e assim vos conheci atodos.

Sim, conheci vossas alegrias e vossas mágoas; e quando dormíeis, vossos sonhos eram meus sonhos.

E muitas vezes estive entre vós como um lago no meio das montanhas.

E minhas águas refletiam os cumes que se elevam em vós e as vertentes inclinadas e os rebanhos errantes de vossospensamentos e de vossos desejos.

E ao meu silêncio afluíram, como torrentes, os risos de vossas crianças e, como rios, as ânsias de vossos adolescentes.

E quando atingiam a minha profundidade, as torrentes e os rios continuavam a cantar.

E todavia, algo mais terno que o riso e maior que as ânsias veio a mim.

Era o ilimitado em vós;

O imenso homem do qual sois meras células e músculos;

Ele, em cujo cântico todas vossas canções nada mais são do que murmúrios indistintos.É nesse homem grandioso que vós sois grandiosos.

E foi contemplando-o que aprendi a vós contemplar e amar.

Pois, que distâncias pode o amor atravessar, que não estejam contidas nesta imensa esfera?

Que visões, que esperanças, que presunções podem elevar-se acima desse vôo?

Como um carvalho gigante recoberto de flores de macieira, é o homem imenso que está em vós.

Sua potência vos liga à terra, sua fragrância vos eleva no espaço, e sua durabilidade vos dá a imortalidade.

Disseram-nos que, como uma corrente, vós sois tão frágeis quanto vosso elo mais frágil.

Essa é somente a metade da verdade. Vós sois, também, tão fortes quanto vosso elo mais forte.

Medir-vos pelas vossas pequenezas é avaliar o poder do oceano pela inconsistência de sua espuma.

Julgar-vos pelas vossas falhas é como censurar as estações pela sua instabilidade.

Sim, vós sois como um oceano,

E embora os navios encalhados sobre vossas costas esperem o fluxo da maré, não podeis acelerar vossos fluxos.

E sois também como as estações.

E embora em vosso inverno negueis vossa primavera,

A primavera, que descansa dentro de vós, sorri na sua letargia e não se ofende.

Não penseis que digo essas coisas para que repitais um ao outro: "Ele nos elogiou bastante. Ele só viu nossas qualidades."

Eu somente expresso em palavras o que já sabeis em pensamento.

E o que é o saber expresso em palavras, senão a sombra do saber sem palavras?

V ossos pensamentos e minhas palavras são ondas que rolam de uma memória selada que guarda o registro de vossopassado, E dos dias em que a terra nos ignorava e ignorava-se a si mesma, E das noites em que a terra era criada na confusão.

Muitos sábios vieram oferecer-vos sua sabedoria.

Eu vim tomar de vossa sabedoria.

E eis que encontrei o que é superior à sabedoria:

Um espírito em fogo que se alimenta de si próprio e cresce constantemente,

Enquanto vós, desatentos a esse crescimento, lastimais a consumação de vossos dias.É a vida à procura da vida em corpos temerosos da sepultura.

Não há sepulturas por aqui.

Estas montanhas e planícies são berços e alpondras.

Cada vez que passais pelo campo onde enterrastes vossos antepassados, olhai bem e vereis a vós e a vossos filhosdançando de mãos dadas.

Na verdade, vos regozijais muitas vezes sem sabê-lo.

Outros vos têm procurado, a quem, em troca de promessas douradas, só destes riquezas, poder e glória.

Eu vos tenho dado menos que uma promessa, e, no entanto, fostes mais generosos comigo.

Destes-me uma sede mais profunda de viver.

Certamente não se pode fazer dom maior a um homem que converter seus desígnios em lábios ávidos, e toda a vida n ummanancial.

E nisto consiste minha honra e minha recompensa,

Que toda vez que venho à fonte para beber, encontro a própria água sedenta;

E ela me bebe enquanto a bebo.

Certos entre vós me têm julgado demasiadamente orgulhoso e reservado por haver recusado presentes.

Embora me tenha nutrido de bagas entre as colinas, quando vós me queríeis instalar à vossa mesa,

E tenha dormido nos pórticos do templo, quando me teríeis abrigado com prazer,

Contudo, não foi vossa carinhosa preocupação com meus dias e noites que tornou meus alimentos deliciosos e povoou meusono de visões?

Abençôo-vos particularmente por isto.

Vós dais muito, e não sabeis que dais.

Na verdade, a bondade que se mira n um espelho converte-se em pedra.

E uma boa ação que se admira a si própria vira maldição.

E alguns dentre vós me acharam distante e embriagado com minha solidão.

E dissestes: "Ele reúne-se com as árvores da floresta, mas não com os homens.

Senta-se sozinho no cume das colinas e olha do alto para nossa cidade."É verdade. Galguei colinas e andei em lugares afastados.

Como vos teria podido ver a não ser de grandes alturas ou de grandes distâncias?

Como pode alguém estar perto se não estiver longe?

E outros entre vós me chamaram, mas não em palavras, e disseram:

"Estrangeiro, estrangeiro, apaixonado pelas alturas inacessíveis, por que habitas nos cumes onde as águias constroem seusninhos?

Por que corres atrás do inatingível?

Que tempestades esperas apanhar na tua rede,

E que aves vaporosas procuras caçar nos céus?

Vem e sê um de nós.

Desce e satisfaze tua fome com nosso pão e aplaca tua sede com nosso vinho."

Na solidão de suas almas, disseram todas essas coisas;

Mas se sua solidão tivesse sido mais profunda, teriam compreendido que eu procurava somente o segredo de vossa alegriae de vossa tristeza,

E que caçava apenas vossos "Eus" mais amplos que vagueiam nos espaços.

Mas o caçador era também a caça;

Pois muitas de minhas flechas partiram do meu arco apenas à procura de meu próprio coração.

E aquele que pairava nas alturas era o mesmo que se arrastava no chão;

Pois, quando minhas asas se desdobravam ao sol, sua sombra projetada na terra era como uma tartaruga.

E eu, o crente, era também um cético;

Pois, constantemente, punha meu dedo no meu próprio ferimento com o propósito de fortalecer minha crença em vós eaumentar meu conhecimento sobre vós.

E é com essa crença e esse conhecimento que vos digo:

Vós não estais enclausurados em vossos corpos, nem confinados em vossas casas ou campos.

O que sois reside acima das montanhas e erra com o vento.

Não é algo que rasteja ao sol para aquecer-se ou cava buracos na escuridão para se proteger.

Mas, sim, algo livre, um espírito que envolve a terra e se movimenta no éter.

Se essas forem palavras vagas, não as procureis esclarecer.

Escuro e nebuloso é o começo de todas as coisas, mas não seu fim;

E eu prefiro que vos lembreis de mim como de um começo.

A vida, e todos os seres vivos, são concebidos na névoa e não no cristal.

E quem sabe se um cristal não é uma névoa em decomposição?

Quando vos lembrardes de mim, assim gostaria que vos lembrásseis:

Que aquilo que parece o mais fraco e desorientado em vós é, na realidade, o mais forte e determinado.

Não foi vosso fôlego que ergueu e solidificou a estrutura de vossos ossos?

E não foi um sonho que nenhum de vós recorda haver sonhado, que edificou vossa cidade e modelou tudo o que nelaexiste?

Se vos fosse facultado ver as marés desse fôlego, deixaríeis de olhar para outra coisa,

E se vos fosse facultado ouvir os murmúrios desse sonho, deixaríeis de ouvir todo outro som.

Mas vós não vedes nem ouvis, e é melhor assim.

O véu que cobre vossos olhos será retirado pela mão que o teceu.

E a argila que obstrói vossos ouvidos será rompida pelos dedos que a amassaram.

Então vereis.

Então ouvireis,

E não deplorareis ter conhecido a cegueira e a surdez.

Pois naquele dia, compreendereis a finalidade oculta de todas as coisas,

E abençoareis as trevas como abençoais a luz."

Tendo dito essas coisas, voltou-se e viu o piloto de seu navio postado ao leme, fitando ora as velas desenroladas, ora ohorizonte.

E ele disse:

"Paciente, muito paciente, é o capitão de meu navio.

O vento sopra, e as velas estão enfunadas.

Mesmo o timão pede que o orientem.

Porém, meu capitão espera calmamente pelo meu silêncio.

E esses meus marujos que têm ouvido o coro de oceanos mais vastos têm-me também ouvido pacientemente.

Agora, não esperarão mais.

Estou pronto.

O rio já atingiu o mar, e mais uma vez a grande mãe aperta seu filho contra seu peito.

Adeus, povo de Orphalese.

O dia já se foi.

E está se cerrando sobre nós, como o nenúfar se cerra sobre seu próprio amanhã.

O que aqui nos foi dado, nós o conservaremos.

Mais um curto instante e minha nostalgia começará a recolher argila e espuma para um novo corpo.

Mais um curto instante, mais um descanso rápido sobre o vento, e outra mulher me conceberá.

Meu adeus a vós e à Juventude que passei entre vós.

Foi somente ontem que nos encontramos num sonho.

Cantastes para mim na minha solidão, e eu, com vossas aspirações, construí uma torre no céu.

Mas agora, nosso sono fugiu, e nosso sonho desvaneceu-se, e já não é mais a aurora.

O meio-dia nos abrasa, e nossa sonolência transformou-se em pleno despertar, e devemos nos separar.

Se nos encontrarmos outra vez no crepúsculo da memória, conversaremos de novo e cantareis para mim uma canção maisprofunda.

E se nossas mãos se encontrarem noutro sonho, construiremos mais uma torre no céu."

Dizendo isto, acenou aos marujos, e eles levantaram ferro, soltaram as amarras e rumaram para leste.

E um grito reboou da multidão como de um só coração, elevou-se no crepúsculo e voou longe sobre o mar, qual dolorosoapelo de trombeta.

Somente Almitra permaneceu silenciosa, fixando o navio até que desapareceu no nevoeiro.

E mesmo quando todos se haviam dispersado, ela ainda estava lá, sozinha, em pé sobre o quebramar, rememorando no seucoração as últimas palavras de Al-Mustafa:

"Mais um curto instante, mais um descanso rápido sobre o vento, e outra mulher me conceberá."

Gibran Khalil Gibran

1883 Nasce a 6 de dezembro, de pais pobres, em Bicharré, na montanha do Líbano, a pequena distância dos Cedros milenares.

Tinha oito anos quando, um dia, um temporal se abateu sobre a sua cidade.

Gibran olha fascinado para a natureza em fúria e, estando sua mãe ocupada, ele abre a porta e sai a correr com os ventos. Quando sua mãe, apavorada, o alcança e admoesta, ele lhe responde com todo o ardor de suas paixões nascentes: "Mas,mamãe, eu gosto das tempestades. Gosto delas. Gosto!"

1894 Emigra para os Estados Unidos, com sua mãe, seu irmão Pedro e suas duas irmãs Mariana e Sultana. Instalam-se em

Boston. O pai fica em Bicharré.

1898-1902 V olta ao Líbano para completar seus estudos do árabe. Matricula-se no Colégio da Sabedoria, em Beirute. Ao diretor, que procurava acalmar sua ambição impaciente, dizendo-lhe que uma escada deve ser galgada degrau por degrau, Gibran retruca: "Mas as águias não usam escadas."

1902-1908 De novo em Boston. Sua mãe e seu irmão morrem em 1903. Gibran escreve poemas e meditações para um jornal

árabe de Boston, Al-Muhajir. (O Emigrante).

Seu estilo novo, feito de música, imagens e símbolos, atrai-lhe as atenções do Mundo Árabe. Desenha e pinta num estilosimbólico, também próprio. Uma exposição de seus primeiros quadros desperta o interesse de uma diretora de escolaamericana, Mary Haskel, que oferece custear seus estudos artísticos em Paris.

1908-1910 Em Paris. Estuda na "Academie Julien". Trabalha freneticamente. Freqüenta museus, exposições, bibliotecas. Conhece Auguste Rodin, que lhe prediz um grande futuro. Uma de suas telas é escolhida para a Exposição de Belas Artes de 1910. Neste ínterim, morrem seu pai e sua irmã Sultana.

1910 V olta a Boston e, no mesmo ano, muda-se para Nova Iorque, onde permanecerá até o fim de sua vida. Mora só, num

apartamento modesto ao qual ele e seus amigos chamam "As-Saumaa" (O Eremitário).

Sua irmã Mariana permanece em Boston. Em Nova Iorque, reúne em volta de si uma plêiade de escritores libaneses e síriosque, embora estabelecidos nos Estados Unidos, escrevem em árabe com os mesmos anseios de renovação.

O grupo forma uma academia literária que se intitula "Ar-Rabita Al-Kalamia" (A Liga Literária) e que muito contribuiu para o

renascimento das letras árabes. Seus porta-vozes foram, sucessivamente, duas revistas árabes editadas em Nova Iorque, AlFunun (As Artes) e As-Saieh (O Errante).

1905-1920 Gibran escreve quase exclusivamente em árabe e publica sete livros nesta língua: 1905, A Música; 1906, As Ninfas do Vale; 1908, As Almas Rebeldes; 1912, As Asas Quebradas; 1914, Uma Lágrima e Um Sorriso; 1919, As Procissões; 1920, Temporais. (Após a morte de Gibran, será publicado um oitavo livro sob o título de Curiosidades e Belezas, composto de artigos e histórias já publicados em outros livros e de algumas páginas inéditas).

1918-1931 Gibran deixa, pouco a pouco, de escrever em árabe e se dedica ao inglês, no qual produz também oito livros: 1918, O Demente; 1920, O Precursor; 1923, O Profeta; 1927, Areia e Espumxi; 1928, Jesus, o Filho do Homem; 1931, Os Deuses da Terra. (Após a morte de Gibran, serão publicados dois livros: 1932, O Errante; 1933, O Jardim do Profeta).

Todos os livros ingleses de Gibran foram editados por Alfred A. Knopf, um dinâmico editor americano, com a

inclinação dedescobrir e lançar novos talentos.

Ao mesmo tempo que a escrever, Gibran se dedica a desenhar e pintar. Sua arte, inspirada pelo mesmo idealismo que inspirouseus livros, distingue-se pela pureza e a beleza das formas. Todos seus livros ingleses são por ele ilustrados com desenhosevocativos e místicos, de interpretação às vezes difícil, mas de profunda e comovedora inspiração. Suas pinturas tiveramvárias exposições de sucesso em Boston e Nova Iorque. Seus desenhos de personalidades históricas e contemporâneas sãotambém célebres.

1931 Gibran morre no Hospital São Vicente de Nova Iorque a 10 de abril. Seu corpo, exposto em câmara ardente em Nova Iorque e Boston, foi visitado por milhares de admiradores. Em julho, sua irmã levou-o ao Líbano, onde lhe foi proporcionada uma recepção oficial e popular de inusitadas proporções. Foi enterrado na sua cidade natal de Bicharré, num velho convento cavado na rocha, onde Gibran sonhava ir viver seus últimos anos. Seu túmulo tornou-se um lugar de peregrinação.

Gibran é considerado, no Oriente e no Ocidente, como o maior escritor e pintor que o Mundo Árabe produziu no século XX, ecomo um sábio e um poeta que soube verter numa forma de rara beleza o incomensurável tesouro da sabedoria oriental.

Gibran assinava seus escritos árabes com seu nome completo Gibran Khalil Gibran, mas preferiu para seus escritos ingleses aforma resumida e ligeiramente modificada de Kahlil Gibran. É comumente conhecido pelo nome ainda mais resumido de

Gibran.

Se Gibran estivesse ainda vivo, seria dois anos mais velho que André Maurois, Sinclair Lewis e François Mauriac, mas

oitoanos mais jovem que Robert Frost, nove anos mais jovem que Somerset Maugham e onze anos mais jovem que Bertrand Russel.

Para um estudo mais completo de sua vida e de sua obra, ler Gibran: A última e Mais Poética Expressão da Sabedoria

Oriental, por Mansour Challita (Pongetti, 1962).